

A ESTRUTURA RELIGIOSA AFROSUL E OS CONCEITOS YORÙBÁ

Erick Wolff8
17/10/2011

Artigo publicado na Revista Olorun n° 06 Out 2011
www.olorun.com.br

RESUMO

O propósito deste texto é fazer um paralelo do *Nàgó* Afrosul e a cultura *Yorùbá*, apresentando o conceito de Nação deste segmento, e a possível formação de quatro raízes na cultura religiosa do Batuque do R.S., comparando as vertentes do *Nàgó* Afrosul e seus costumes, divindades e a similaridade com a estrutura religiosa *Yorùbá*. Faremos uma comparação entre as tradições de cada uma das raízes, demonstrando a falta de elementos para caracterizar novas Nações dentro do Batuque Afrosul. Serão apresentados elementos que possivelmente influenciaram a formação destas vertentes Afrosul, denominadas *Kànbínà*, *Djédjé*, *Ijesá* e *Òyó*.

INTRODUÇÃO

Uma Nação é formada por uma comunidade, onde os indivíduos se distinguem entre seus costumes, língua, tradições, rituais, cultura e culto às divindades.

A formação de uma nação se dá na definição cultural e religiosa deste povo, levando em consideração pontos comum entre a cultura, origem e raça (fatores objetivos), e o estado ativo de um grupo para criar novos costumes e rituais (fatores consequenciais), resultando no fator existencial para a identidade daquele povo.

Todos os indivíduos pertencentes ao grupo estão unidos pela consciência coletiva social e religiosa, para perpetuar a memória dos antepassados, tradições e atos religiosos. Uma Nação é destacada pela língua, história, religião, costumes, cultura e tradição de um povo, no território brasileiro, houve a formação de muitas Nações religiosas vinculadas à cultura Africana, conhecidas por religiões Afro-brasileiras, destacando-se as Nações do *Ketu*, *Djédjé*, *Angola*, *Fon*, e *Ijesá*, dotadas de costumes e língua diferente, tal como tradições e rituais que distinguem cada uma, perceptível a qualquer momento, com uma similaridade em que todas citadas raspam a cabeça na iniciação. Porém apesar

de assumirem os nomes e tradições baseados na cultura Africana, estas Nações religiosas não existe na África, não como são cultuadas aqui, afinal nasceram no Brasil e seus costumes, tradições e rituais foram adaptados para a nossa realidade, apesar da similaridade com os costumes e nomes Africanos, estas Nações nasceram em território brasileiro, e seus nomes nada mais são do que uma homenagem à origem do culto instalado e adaptado para a realidade brasileira, o que não quer dizer que seja a tradição aplicada na sua origem.



A sobrevivência das Nações se dá através dos adeptos e sacerdotes que mantêm o culto e a religião viva, para que isso ocorra, serão necessários uma organização e ordem religiosa, muita fé e dedicação de todos, fundamentando tradições e missão comum entre os indivíduos daquela comunidade, sendo possível surgirem raízes, ou seja, ramificações de uma

própria Nação destacando-se para novas vertentes desta Nação, porém se não houver fatores eficientes para que formação de Nação, não passará de ramificações de uma mesma Nação instalada.

O caso do Batuque Afrosul que permaneceu por muitos anos ilhados do aculturamento, protegido por um longo período de qualquer influência externa que pudesse contaminar este povo com elementos das demais culturas Afro-brasileiras, mantendo o culto original modificando muito pouco os costumes durante este período. Durante anos, não houve mudanças significativas que pudesse ser apontada uma nova Nação dentro desta cultura, ao mesmo tempo em que esta reclusão favoreceu a tradição *Nàgó* Afrosul, criando um pequeno problema de atualização da língua, costumes e tradições religiosas, com o tempo foram perdendo alguns conceitos e costumes desta cultura, piorando com a morte dos sacerdotes mais velhos, favorecendo o esquecimento da própria cultura, quem sabe resultado desta reclusão que fez com que muitos costumes se misturassem ou se perdessem.

Discorreremos neste texto um paralelo sobre os costumes e tradições que formaram o *Nàgó* Afrosul e suas quatro vertentes, que por muitos anos foram consideradas Nações tais como o Candomblé³⁶ de *Ketu*, *Djédjé*, *Fon*, *Angola*, *Ijesà* e etc..., esclarecendo como funciona o belo sistema *Nàgó* Afrosul e suas quatro raízes, apresentando fatores que provavelmente contribuíram para a formação e fundação de cada uma delas. Acompanhe uma breve apresentação de como funciona a formação de um templo até seus costumes e tradições.

A estrutura do *Nàgó* Afrosul é composta por quatro vertentes religiosas, *Kanbina* (fundada por Waldemar de *Sàngó Kamuka*), *Djédjé* (fundada pelo príncipe Custódio de Xapanã), *Ijesà* (Pai Paulino de Oxalá Efan), finalmente *Qyó* (fundada por duas irmãs, que suas divindades dividem a hierarquia, *Iyá* Emília de *Qya Lájà* e *Iyá* Cesária de *Sàngó - Qba Leri*). Observe que todas as vertentes que foram fundadas são regidas pelas

³⁶ Candomblé – Uma das vertentes da cultura Afro-brasileira, para o culto ao Òrìṣà

divindades dos seus fundadores. E será sobre estas raízes e famílias que fundaram o Batuque que iremos traçar um paralelo entre os costumes e suas origens. Conheça um pouco sobre cada ramificação e seus costumes;

KÀNBÍNÀ

A formação da raiz Kànbínà do Nàgó Afrosul



Waldemar de Sàngó Kamuka

A família *Kànbínà* segue o grande *Aláàfin*³⁷, a divindade ao qual o ancestral mais velho e fundador desta vertente foi iniciado, conhecido por Waldemar de *Sàngó Kamuka*, as cantigas desta divindade sugerem ser o conhecido *Baru Olófin*, até então qualquer *Itan* não foi mencionado pelos membros da própria cultura, por isso, chega a ser impossível chegar à origem do mesmo através da cultura Afrosul.

Porém, alguns *Itan* são de conhecimento da cultura do Candomblé de *Ketu*, tal como informações desta divindade, que raramente era feito um iniciado em *Ketu* para esta divindade, mas é certo que cabe apenas um iniciado por casa, não existindo dois indivíduos feitos para esta divindade num mesmo templo, devido a sua ligação com *Èṣù* e *Qbátálá*. Narrações dos adeptos do

³⁷ Aláàfin – É o título do rei dos reis no território Yorùbá, muitos deles foram divinizados e hoje são cultuados aglutinados entre a divindade *Sàngó*.

Candomblé sobre este *Aláàfin*, dizem que não teve um reinado muito tranquilo, por isso, que por muitos anos os sacerdotes de Ketu mantiveram em segredos fechados como cultuar o *Aláàfin Baru*. Acrescenta Matâmoride, - segundo os *Itan* da cultura Yorùbá, *Baru* está ligado à um dos ritos da transição da morte, além de ter forte ligação com *Èsù* e *Qbàlufon* -. [informação pessoal de *Tata Matâmoride* - Eduardo Brasil - iniciado na Angola, cultura *Bantú*, em 23/7/76, pelas mãos de Edson Ribeiro Mandarino (*Kaobakessi*). Presidente eleito do Fórum de Sacerdotes de Matriz Afro Brasileira - FOESP, www.portaldocadomble.pro.br]

Os Kanbineiros Afrosul, possuem o costume de sacrificar animais para *Sàngó* toda vez que fazem alguma obrigação, considerando que o mesmo poderá restabelecer a ordem e segurança no ritual, caso haja falecimento de alguém da comunidade durante os rituais, evitando perder qualquer sacrifício oferecido durante as cerimônias. Já que a *Kànbínà* possui uma estrutura organizada e modelada para cumprir todos os rituais envolvendo o *Aláàfin* e *Eégún*³⁸. Outro fator que deve ser mencionado, que as divindades não podem manifestar antes da Balança³⁹, esperando o julgamento do grande *Aláàfin* sobre as obrigações de feitura⁴⁰ e ou quatro pés, que são feitos nos templos desta comunidade, caso ocorra à manifestação de alguma divindade antes da Balança, ela deverá ser ouvida, pois traz algum anúncio de que algo está errado e deve ser consertado antes que se faça o ritual do julgamento.

³⁸ Eégún – Espíritos dos antepassados, aqueles que tiveram uma vida honrada, são lembrados e cultuados.

³⁹ Balança – Ritual de confirmação da obrigação de quatro pés, costumes exclusivo do Batuque afrosul, julgado por *Sàngó*.

⁴⁰ Feitura – Ritual onde o indivíduo é iniciado para uma divindade.



Henrique da *Osun*

Depoimento - Antigamente a nossa raiz era chamada de *Kànbínà* pela boca do Henrique da *Osun*. [informação - *Ìyálórisà* Magda de *Osun Ipondá*, iniciada 1883, recebeu os direitos para abrir uma casa em 1996, por Araci de *Ògún Onirá*, filha do falecido João Carlos de oxalá]

Depoimento do Rudi - Me criei escutando chamarem de *Kànbínà*, tanto pela minha mãe carnal *Ìyálórisà* Vera de *Bara Ijelú*, iniciada a mais de 20 anos, onde sua *Ìyálórisà* Elizia Ferreira da Yansã, descendente da família religiosa do Saudoso Alvarino (Pai Adão de *Bara Ijelú* - *Èsù Bì-omi*) esta com mais de 60 anos de iniciada no lado religioso de *Kànbínà*. [informação - *Rudi Mògbà*, iniciado em 1998, herdeiro religioso da *Ìyálórisà* Vera de *Bara Ijelú*, *Ìyálórisà* Elizia Ferreira da Yansã, iniciada por Pai Adão de *Bara Ijelú* - (*Èsù Bì-omi*), raiz *Kànbínà*].



Palmira da Ôsún

O relato a seguir faz parte da tradição oral do *Bàbálórisà* Bira da Yemoja, raiz *Kànbínà*.

Em determinada época, quando os sacerdotes da *Kànbínà* Afrosul, estavam passando por problemas, a Palmira da *Ôsún*⁴¹, reuniu vários filhos e adquiriu uma passagem para a África, para buscar fundamentos da religião, justo nesta época onde começou a função de quererem saber de onde vinha a *Kànbínà*. Por associação encontraram a cidade de Cabinda. Nesta viagem ela trouxe o *Légba* e a *Zina*, o tempero verde na comida de Yemoja. [informação - *Ìyálórisà* Magda de *Ôsun Ipondá*, iniciada 1883, recebeu os direitos para abrir uma casa em 1996, por Araci de *Ògún Onirá*, filha do falecido João Carlos de oxalá, raiz *Kànbínà*]

(foi colhida à informação através do marido da *Ìyálórisà* Magda de *Ôsun Ipondá*, o *Alagbè*⁴² Alberto de *Sàngó Aganju*, iniciado em 1884, por Bira de *Yemoja*, em Pelotas, Rio Grande do Sul, que foi iniciado por Norma de *Ôsún*, da raiz *Kànbínà*)

⁴¹ Palmira da *Ôsún* – Iniciada pelas mãos do fundador da raiz *Kànbínà* Afrosul, se destacou pela administração e pulso firme, levando o nome da *Kànbínà* Afrosul ao reconhecimento.

⁴² *Alagbè* – Alagbè= Ala (senhor) + gbè (língua, idioma) = Senhor do idioma. Palavra de origem fon. É um cargo geralmente masculino na religião Batuque Afrosul e nos Candomblés *Djedje* e *Mina*. Provavelmente seja a origem do termo Gululu, uma possível corruptela de *Ogã Alulu* (erroneamente conhecido como *Alagbè*, que significa mendigo) Um tipo de *Ogã* dos Candomblés seguidores da Nação *Ketu*, amplo modelo *Yorùbá*. O tocador encarregado do tambor ou atabaques, também de tirar as cantigas durante os rituais.

Referente à possibilidade da divindade *Légba* e *Zina* vir a ser Bantú *Tata Matâmoride* diz - Não existe divindade alguma com o nome de *Légba* entre o povo *Bantú*, tão pouco *Zina*, estas divindades são cultuadas entre os povos *Yorùbá*. [informação pessoal de *Tata Matâmoride* - Eduardo Brasil – iniciado na Angola, cultura *Bantú*, em 23/7/76, pelas mãos de Edson Ribeiro Mandarino (*Kaobakessi*). Presidente eleito do Fórum de Sacerdotes de Matriz Afro Brasileira - FOESP, www.portaldocadomble.pro.br]

O mito⁴³ a seguir faz parte da tradição oral do *Bàbálórisà* Luiz Carlos Dutra da *Ôsún*, meu primeiro *Bàbálórisà*, iniciado 1958, falecido em meados de 1995, filho do *Bàbálórisà* Cleon de *Òsàálá*, iniciado pelo Pai Henrique de *Ôsún* e sob a orientação espiritual de *Ìyálórisà* Palmira de *Ôsún Ipondá*, raiz *Kànbínà*.

No principio de tudo o *Àiyé*⁴⁴ era formado por lava, brasas e fogo, este era o reino do forasteiro *Légba*⁴⁵, considerado uma divindade que disseminava o caos e a destruição, ali as sementes não brotavam, ramos não germinavam, nada crescia e ou prosperava. Ao lado dele permanecia a *Zina*⁴⁶, considerada por muitos adeptos do *Nàgó* Afrosul o anjo da solidão e da morte. Em determinado momento *Òòsà-nlá* incomodado com a presença destas divindades, chamou *Sàngó* para que promovesse uma *Àpejo*⁴⁷ com as demais divindades existentes no *Òrun*, para que expulsassem o *Légba* para o centro da terra, *Sàngó* convocou todas as divindades que existia, ele pediu que *Ògún* forjasse

⁴³ Um dos poucos mitos que o Batuque possui, que reze sua cultura.

⁴⁴ *Àiyé* – A dimensão ao qual conhecemos por mundo.

⁴⁵ *Légba* – Divindades das ruas e encruzilhadas, vinculado à sexualidade, seu vulto sempre carrega um falo ereto e grande, idêntico ao *Bara* (cultuado apenas a raiz *Kànbínà*).

⁴⁶ *Zina* – Esposa do *Légba* segundo os sacerdotes da *Kànbínà*, provavelmente seja a própria *Ayizan* ora considerada esposa hora mãe do *Légba* pelos *Djedjé*. *Ayizan* é o *vodun* feminina ligada ao mercado considerada a dona da crosta da terra (cultuada apenas a raiz *Kànbínà*).

⁴⁷ *Àpejo* – Assembleia, encontro, comício.

todas as ferramentas para a grande batalha, e assim, todos foram para a batalha, passaram pelas brasas, fogo e lava encandescendo lutando contra o forasteiro *Légba* e a Zina, os mandando para o centro da terra. A partir daí restabeleceu o equilíbrio e as matas, rios, mares, animais e tudo que vemos na natureza voltaram a crescer.

Este *Ìtàn* anuncia o mecanismo da balança segundo a raiz *Kànbínà* do Batuque Afrosul, note que o *Légba* e a Zina representam o lado escuro e sombrio, ele por sua vez entrando com o desequilíbrio e a ela assumindo o papel de *Ikú*⁴⁸ no culto *Kànbínà*, dito que estas divindades são os responsáveis pelos males e desgraças que abatem sobre uma casa quando a Balança se rompe. O ritual da balança simboliza o julgamento da obrigação, observando que este julgamento, se faz assim que as divindades começam a se manifestar, tudo isso regido pelo *Alagbè* que toca e puxa cantigas, durante este ritual ficam terminantemente proibidos de qualquer um dos integrantes da roda soltarem as mãos, ao final, os membros da Balança soltam suas mãos e as divindades vão para frente do *Ilú*⁴⁹ dançar até que o *Alagbè* redobre o *Alújà*, a partir deste momento os *Òrìṣà* dançam apenas com um pé, nesta mesma casa, contavam que este momento, simbolizava que as divindades passavam por cima do braseiro e do fogo do reino do *Légba*. As demais vertentes não contam com o *Ìgba-Òrìṣà* destas divindades, mesmo assim a ritualística se repete nas demais vertentes, estas não definem o motivo pelo qual, seria perigoso o rompimento da Balança, mas a maioria dos membros das demais vertentes religiosas prefere não participar deste ritual, deixando apenas para os membros das casas participarem.

Assim entendiam que ao formar a roda, o *Légba* tomar posição na roda espreitando alguma falha, ou seja, alguém que soltasse as mãos, para poder causar males e danos

⁴⁸ *Ikú* – Divindade vinculada à morte, ou seja, é a morte divinizada.

⁴⁹ *Ilú* – Tambor de dois lados usados nos rituais do Batuque Afrosul.

naquela casa. No entanto como ficaria as demais vertentes que não cultuam estas divindades? Que por sua vez também não vemos referencia de *Ikú* nos demais rituais e ou divindades que possam assumir seu papel no ritual.

Flávio da *Yemoja* comentou que um filho do adão disse que ele circula no momento da Balança, além disso, em mais dois momentos na roda do *Légba* e na reza do *Xapanã Beluja*. [informação coletada por *Mógbà* (Rudi) do Flávio da *Yemoja*, iniciado por Raul de *Sàngó*, iniciado por Henrique da *Òsún*, raiz *Kànbínà*]

Legba, Kpassezun, Ouidah.

Quando *Legba* era ainda um jovem, *Lisá* disse que iria mostrar aos outros filhos *voduns*, e que era mais velho, quem seria o chefe, e que na qualidade de chefe teria o papel de fazer várias coisas ao mesmo tempo, vigiando a criação e intermediando os homens com seus apelos junto a seus pais no céu, então, tomou de um tambor, um sino, um gongo e uma flauta e falou que aquele que tocasse todos os instrumentos aos mesmo tempo, mas também dançasse e cantasse, seria o chefe de todos os demais. E os deuses foram vindo...

Veio *Sógbó*⁵⁰ em toda sua força, mas nada conseguiu, veio *Sakpatá*⁵¹, *Gu*⁵², e todos enfim vieram cheios de pujança, mas nenhum deles conseguiu, era muito complicada a coisa para se fazer.

⁵⁰ *Sógbó* – Divindade Vodun do trovão, pertence a família de *Heviosô*.

⁵¹ *Sakpatá* – Divindade vodun responsável pela varíola.

*Lisá*⁵³, conhecedor do filho caçula que tinha, reuniu os demais e chamou *Legba* na presença de todos dizendo: Toque os instrumentos cante e dance!

E assim *Legba* fez tocou os quatro instrumentos ao mesmo tempo em que dançava e cantava!

Sua cantiga dizia "Se a casa está em paz, e se o campo está fértil, eu ficarei muito feliz!"

Então *Lisá* disse a todos: *Legba* é o chefe!

Esta lenda explica por que do acúmulo de funções deste vodum, ora guardião de cidades, de templos, de casas e pessoas; ora mensageiro no *Fá*⁵⁴ trazendo respostas e intercedendo pelos homens; ora o chicote da justiça.
[fonte – Legba, O Chefe, Blog Papo Informal]

⁵² *Gu* – Divindade Vodun dono dos metais, guerra, fogo e tecnologia.

⁵³ *Lisá* – Divindade Vodun de masculina, responsável pela criação do mundo.

⁵⁴ *Fa* – Divindade Vodun da adivinhação e do destino.



Légba - Benin

Sobre Sàngó



As dinastias dos *Aláàfin* de *Òyó* estão presentes em todos os cultos afro-brasileiros, não apenas nos Afrosul, facilmente encontraremos um ou outro *Aláàfin* sendo cultuado sob o nome de Sàngó. Em determinado momento da estruturação das Nações Yorùbá cultuadas no Brasil, convencionaram que as divindades seriam aglutinadas em nomes, gerando o conceito de qualidades, porém o exemplo de Sàngó é o melhor para explicar este erro, afinal, não estamos falando de uma divindade com caminhos diferente, mas de várias divindades sendo cultuado num determinado nome, sendo assim, *Aganjú*, *Agodo*, *Dada* e até mesmo Sàngó são cultuados com o nome de Sàngó *Aganjú*, *Sàngó* *Agodo*, *Sàngó* *Dada* e assim vai classificando as divindades. Sobre o conceito que

envolve Sàngó, Johnson diz:

Sàngó foi o quarto *Aláàfin* da dinastia de *Òyó*, sendo considerado o primeiro ancestral divinizado seu reino abrangia *Benim*, *Dahomé*, *Popo* e incluindo os sendo um dos famosos até hoje. Considerado um tirano foi destronado e expulso do seu país por seus súditos, cometendo suicídio num local chamado *Kosó*.

Os símbolos que representam esta divindade são pedras lisas em formato de machado, chamada de pedras de raio. Sacerdotes de Sàngó oferecem uma tartaruga, um tatu, uma galinha-d'angola, um caracol, pena da cauda vermelha de um papagaio, um girino, um pássaro chamado *Osin*, um carneiro, um rato grande chamado *Okete*, um sapo, *Otutu* e contas *Opon*, manteiga de karité, óleo de palma, sal, carne de veado, a carne de um elefante, *Odudun* e *iperegun*

árvore, o *ihih* (verduras) as folhas da evergreens chamado *Etiponola*, uma pequena faca chamada "*abe-esu*" (razor do diabo) um branco pano país de amplitudes eis que um tapete chamado *fafa* (tapetes feitos do miolo de ramos de palmeira de bambu), juntamente com sete chefes de búzios (14.000 búzios) como taxa de transporte.

As folhas são maceradas numa tigela de água, e com a infusão do candidato é purificar-se. Ele é, então, sentado em um almofariz e raspada. As aves e tartarugas são mortas e seus corações retirado, e estes com fatias de carne de todos os animais acima mencionados são trituradas juntamente com a sempre-vivas, e uma bola é feita de composto. O candidato apresenta agora a incisões na cabeça raspada e a bola bateu de artigos é esfregada nas feridas. O neófito agora se torna um reconhecido devoto de Sàngó. [Johnson]

Orisa cultuados na *Kànbínà*

Estas são as divindades cultuadas nos templos da raiz *Kànbínà*, em sequência de *irunmòlè*⁵⁵;

Bara, *Ògún*, *Oya*, Sàngó, *Qde*, *Otin*, *Oba*, *Òsanyin*, *Xapanã*, *Ìbejì*, *Òsun*, *Yemoja*, *Òsàálá* e *Òrunmilà*.

Acrescentando nesta ordem algumas divindades cultuadas do lado de fora do templo, como *Ojúbo*⁵⁶ do templo, que são;

⁵⁵ *Irunmòlè* – Todas divindades cultuadas pela Nação do Batuque que o indivíduo poderá adquirir.

⁵⁶ *Ojúbo* – *igba-Ònsà* coletivo, ele serve para a comunidade do templo e para os consulentes fazerem seus pedidos e oferendas

*Bara Lodè*⁵⁷, *Ògún Avagã*⁵⁸, *Oya Dirã*⁵⁹, *Oya Timbowa*⁶⁰, *Légba* e *Zina*.

Esta sequência deve ser respeitada na hora de formar a roda de *Òrìṣà*.



As cores das divindades cultuadas na Kànbínà.

Bara (vermelho), *Ògún* (verde e vermelho), *Oya* (branco e vermelho), *Sàngó* (vermelho e branco), *Ode* (azul marinho e branco), *Otin* (rosa e azul claro), *Oba* (rosa ou marrom), *Òsanyin* (verde e amarelo ou verde e branco), *Xapanã* (preto e vermelho, lilás e branco ou preto e roxo), *Ìbejì* (colorido), *Òsun* (amarelo ou dourado), *Yemoja* (azul claro), *Òsàálá* (branco) e *Òrunmilà* (preto e branco).

Oferendas características da Kànbínà para os Òrìṣà.

Bara (milho torrado, pipoca e sete batatinhas assadas), *Ògún* (costela e farofa de *Gbaguda*⁶¹), *Oya* (pipoca e rodelas de bata doce frita no azeite comum), *Sàngó* (*Àmàlà*⁶²), *Ode* e *Otin* (bisteca frita

⁵⁷ *Lóde* – *Bara* da rua ou lado de fora, nome do próprio *Òrìṣà*

⁵⁸ *Ògún Avagã* – Um *Ògún* que fica ao lado do *Bara lodè*, repartindo até mesmo os quatro pés.

⁵⁹ *Oya Dirã* – *Oya* que divide a função de *Ojúbò* com a *Timbowá*

⁶⁰ *Oya T'igbówá* – Esta *Oya* estará sempre respondendo como *Ojúbò* do templo, dificilmente será possível ver uma iniciada desta divindade na *Kànbínà*.

⁶¹ *Gbaguda* – Farinha de mandioca crua.

com *Gbaguda*), *Oba* (canjica amarela cozida e refogada no *Epo-pupa*⁶³ com cheiro-verde), *Òsanyin* (dois *Opete*⁶⁴), *Xapanã* (feijão preto cozido, amendoim torrado, milho torrado e pipoca), *Ìbejì* (doces), *Òsun* (canjica amarela cozida), *Yemoja* (canjica branca cozida e refogada com azeite doce e cheiro-verde) e *Òsàálá* (canjica branca e o *Akasá*⁶⁵).

Ritual do Arísùn⁶⁶.

A *Kànbínà* é a única raiz do *Nàgó* Afrosul que dá continuidade aos rituais quando algum iniciado da comunidade chegar a falecer. As demais vertentes do *Nàgó* Afrosul são obrigadas a despachar tudo e aguardar até que passe o luto (de três meses a um ano, depende do *Oyè*⁶⁷ do falecido).

⁶² *Àmàlà* – A comida de *Sàngó*, feita carne de peito, folhas de mostarda enfeitada com bananas e uma maçã, deve ser servida numa gamela (costume Afrosul)

⁶³ *Epo-pupa* – Azeite de dendê

⁶⁴ *Opete* – Batata inglesa cozida, amassada e modeladas como pera, devem ser confeccionadas duas uma com casca e outra sem.

⁶⁵ *Akasá* – Preparado à base do grão de Canjica crua pilada, retira o caldo para fazer um mingau, que será enrolado em tiras de folha de bananeira

⁶⁶ *Arísùn* – Ritual fúnebre, procedimento feito apenas para os iniciados nos rituais do Batuque.

⁶⁷ *Oyè* - Cargo ou graduação do indivíduo perante a comunidade religiosa.



IJESÀ

A formação da raiz *Ijesà* do *Nàgó* Afrosul

As referencias do *Bàbá* mais velho e ou conhecido pelos *Ijesà* Afrosul é Paulino de *Òsàálá Efan*, iniciado para *Óbokún*, uma divindade encontrada apenas no *Nàgó* Afrosul. Sabe-se que *Óbokún* foi o fundador de *Ijesà*, talvez esta seja a origem do nome da raiz, que por sua vez homenageia o próprio *Óbokún*, sem vínculos com a tradição e cultura *Ijesà*.

Paulino de *Òsàálá Efan*, entregava o *Oyè* ao filho após ter no mínimo 16 anos de feitura ou mais e não liberava para abrir casa em seguida. A formação da roda e costumes é idêntica ao da *Kànbínà*. [informação – *Ìyálórisà* Jade d'*Òsun Qlómi*, iniciada em 1995 recebeu *Oyè* em 2008, por Pai Paulethy d'*Òsun*, recebeu seu *Oyè* por mãe Izolina de *Sàngó*, que recebeu seu *Oyè* pelo Saudoso Joãozinho de *Bara Èsù Ní bí*, que recebeu seu *Oyè* da *Ìyálórisà* Chininha de *Sàngó Ìbejí*, que recebeu seu *Oyè* do *Bàbálórisà* príncipe Custódio de Xapanã *Sakpatá Erupê*, raiz *Ijesà*]

Atualmente *Òsun* rege a raiz *Ijesà* Afrosul, talvez por consequência do acultramento, que tenha feito com que pensassem que a raiz *Ijesà* teria mais vínculos com a Nação *Ijesà* (Nigéria), do que a possível homenagem ao rei *Óbokún* o fundador de *Ijesà* (Nigéria). Porém o toque *Ijesà* marca tradicional da Nação *Ijesà*, não é tocado na raiz *Ijesà* Afrosul, este ritmo é marcado com as mãos para as seguintes divindades *Òsun*, *Òsanyìn*, *Ògún*, *Logun-edé*, *Èsù*, *Qba*, *Oya* e *Òsàálá*.

Comportamento ritualístico na raiz *Ijesà*, se o iniciado souber os rituais básicos da sua vertente, ele poderá participar praticamente de todos os rituais das demais vertentes, pois os rituais são muito semelhantes, da mesma forma que os seus costumes, o mesmo acontece com a cultura e cerimônias, na verdade um iniciado na raiz *Ijesà* usa as mesmas cantigas da raiz *Kànbínà*, com exceção das cantigas para o *Légba* e *Kamuka*, afinal não cultuam estas divindades, fora isso as rezas são as mesmas, até mesmo a sequência de *Irunmòlè*.

Mais sobre Òsàálá

O primeiro ser criado por *Olórun*, "O Grande Òrìsà" ou "O Rei do Pano Branco" para os *Yorùbá*, criador do mundo, dos homens, animais e plantas e é considerado o maior de todos os Òrìsà.

O culto a Òsàálá no Brasil tem grande importância, geralmente sendo o último Òrìsà que cantam durante os rituais, encerrando o toque e ou festividades. O senhor dos panos brancos é uma das divindades que se destaca entre os povos *Nàgó*, com certeza é uma das divindades que mais reverenciam e promovem sacrifícios. Ou talvez ele seja muito cultuado, pelo motivo de ter sido dado o cargo de criar os homens, modelando seus corpos com o barro do *Òrun*, além de ter sido destinado o poder de criar o *Àiyé* e *Igbo*⁶⁸, que junto com o saco da criação, foi entregue sementes, isso fato que a ele pertencem todas as plantas e sementes. Por isso que é comum vermos folhas, ervas, flores e plantas sendo usadas nos rituais, ou até mesmo, galhos de árvores e folhas enfeitando os barracões em dia de festa, criando um ar de mistério e magia no ambiente.

⁶⁸ *Igbo* – Matas sagradas, morada dos Deuses *Yorùbá*.

Na cultura Afrosul, poderemos ver *Óbokún* aglutinado entre os Òsàálá cultuados na estrutura religiosa, ele que foi o fundador de *Ijesà*, conhecido como o filho mais novo de *Odùduwà*, é tratado como uma divindade *Funfun* e recebe todos os sacrifícios oferecidos à Òsàálá. Sobre o conceito que envolve Òsàálá, Jhonson diz:

A Òsàálá foi atribuída diretamente de *Olórun*, poderes para criar, os *Yorùbá* acreditam que o corpo do homem foi modelado por esta divindade, usando o barro do *Òrun* para modelar seus corpos. Seus devotos destacam-se pelos fios de contas brancas que levam ao pescoço e pelas vestes brancas que sempre usam. A eles são proibidos vinho de palma e a cor preta, devendo evitar também o sal. Os portadores de alguma deficiência (Albinos, anões, aleijados, corcundas e todas e qualquer deformação) são considerados sagrados para essa divindade, são designados "*Eni Òrìsà*" (pertencentes ao deus), considerando que foram modelados por ele e escolhidos para serem marcado pelo grande Òrìsà-*nlà*. Esta é uma divindade de grande fama entre os *Yorùbá*, afinal seu culto se estende por muitos municípios e é conhecido por muitos nomes como; *Òrìsà Oluofin* em *Iwòfin*; *Òrìsàkò* em *Okò*; *Òrìsàkirè* em *Ikire*; *Òrìsàgiyan* em *Ejigbò*; *Òrìsàeguín* em *Eguín*; *Òrìsàrowu* em *Owu*; *Òrìsàjaye* em *Ijaye* e *Òbàtálá* em *Oba*. [Jhonson]

Òrìsà cultuados no Ijesà do Nàgó Afrosul

As divindades cultuadas nos templos da raiz *Ijesà*, são os mesmo nas quatro vertentes, porem muda *Oba* na sequência de *irunmòlè*; *Bara*, *Ògún*, *Oya*, *Sàngó*, *Qde*, *Otin*, *Òsanyìn*, *Oba*, *Xapanã*, *Ìbejì*, *Òsun*, *Yemoja*, *Òsàálá* e *Òrunmilà*.



Templo de Òṣàálá em Ile-Ife

As cores das divindades cultuadas no Ijèsà do Nàgó Afrosul.

As cores das mesmas divindades cultuadas nas quatro vertentes muda muito pouco nesta raiz;

Bara (vermelho), *Ògún* (verde e vermelho), *Ọya* (branco e verme), *Sàngó* (vermelho e branco), *Ọdẹ* (azul marinho e branco), *Otin* (branco com azul marinho), *Ọsanyin* (verde e amarelo), *Oba* (rosa), *Xapanã* (preto e vermelho ou lilás), *Ìbejì* (colorido), *Ọsún* (amarelo ou dourado), *Yemoja* (azul claro), *Òṣàálá* (branco) e *Ọrunmilà* (preto e branco).

Oferendas características do Ijèsà para os Òrìṣà.

Também muda muito poucos elementos considerando as quatro vertentes;

Bara (milho torrado, pipoca e sete batatinhas assadas), *Ògún* (costela e farofa de *Gbaguda*), *Ọya* (pipoca e rodela de bata doce frita no azeite comum), *Sàngó* (*amalá*), *Ode* e *Otin* (bisteca frita com *Gbaguda*), *Oba* (pipoca feijão miúdo torrado, *Opete* de batata inglesa com *Epo pupa* e 7 rodela abacaxi), *Ọsanyin* (dois *Opete* com sete figos), *Xapanã* (feijão preto cozido, amendoim torrado, milho torrado e pipoca), *Ìbejì* (doces), *Ọsun* (canjica amarela cozida), *Yemoja* (canjica branca cozida "escorrida e lavada" e cocada) e *Òṣàálá* (canjica branca e o *Akasá*).

Ritual do Arísùn.

A raiz *Ijèsà* deverá parar imediatamente, caso haja o falecimento de algum indivíduo da comunidade, despachando tudo para começar o *Arísùn*. Guardando o luto (de três meses a um ano, dependendo do *Oyè* do falecido).

JÉJÉ

A raiz Jéjé do Nàgó Afrosul



Príncipe Custódio

A família *Jeje* teve sua origem no fundador príncipe Custódio, ele era de *Xapanã*, divindade que assume o papel principal nesta vertente como *Sàngó* reina na *Kànbínà*, *Xapanã* reina entre a raiz *Jéjé* Afrosul. Diferente do Candomblé *Djédjé* o *Vodun Dan*⁶⁹ é o rei supremo, porem esta divindade nem é cultuada entre os *Jéjé* Afrosul. Sendo que *Dan* não tem nada haver com a serpente do vulto do *Ògún*.

Mais sobre *Xapanã*

Xapanã é o rei na raiz *Jéjé* do *Nàgó* Afrosul, geralmente na entrada dos templos desta raiz é possível ver uma vassoura de ramos pendurada, símbolo característicos de *Xapanã*. Algumas vezes um *Elégún* tomado pela divindade chega a pegar uma pequena vassoura acomodada no quarto de santo e dança no meio do salão algumas cantigas da divindade.

A raiz *Jéjé* da cultura Afrosul não cria vínculos com o povo *Djédjé Vodun* e seu rei *Dan*, para entender o homônimo sem confusão é preciso

⁶⁹ *Dan* – Vodun da riqueza, representado pela serpente e o arco-íris

perceber que o *Jéjé* do Batuque está vinculado aos costumes e tradição da cultura *Yorùbá*, se notar que ao se instalar no sul o Batuque trouxe costumes e tradições *Yorùbá*, como podemos ver aqui *Xapanã (Yorùbá)* no centro religioso, porem seguindo a tradição, língua, panteão e rituais da Nação *Nàgó* Afrosul. Esta raiz teve inicio a partir do Príncipe Custódio de *Xapanã*, que deve ter se instalado aqui no Brasil no inicio do século XIX. Mas sem entender como se deu este homônimo com o povo *Djédjé*, sendo que *Xapanã* rege a raiz *Jéjé* do Batuque, diferente do povo *Djédjé* que em qualquer casa desta nação tem como seu centro *Dan*, afinal no Batuque não cultua nem mesmo *Òsumarè*, logo não seria possível ser uma nação *Djédjé* sem o seu rei *Dan*.

Outra característica da família *Jéjé* Afrosul, é o ritmo do tambor, que por sua vez é uma marca registrada desta raiz, chamam de *Jéjé* os *Orin* das divindades que são provenientes de um ritmo mais festivo, que demarcado pelo *Ilù* e *Age*⁷⁰ separam o toque em ritmos e cadências. Diferente do ritmo *Djédjé (Vodun)* que chega a serem majestosos e tranquilos, os Batuqueiros raiz *Jéjé* se orgulham do ritmo festivo e agitado que suas cantigas proporcionam apesar destas mesmas cantigas servirem as quatro vertentes, o tambor acelera mais nas casas de raiz *Jéjé* (Batuque). Algumas casas *Jéjé* chegam a tocar com *Agidavi*⁷¹, porem é um costume que não demonstra vínculo com os *Vodun*, por falta de referências e fontes para atesta a originalidade de tal ritual. Nesta vertente o que difere é que costumam dançar em pares e ou um de frente para o outro. Sobre o conceito que envolve *Xapanã*, Jhonson diz:

⁷⁰ *Age* – Instrumento musical religioso, feito de uma cabaça empachada de contas de plásticos ou contas de missangão, muito usados entre a Nação *Nàgó* Afrosul, muito comum entre os rituais Nigerianos ou *Yorùbá*.

⁷¹ *Agidavi* – São varetas confeccionadas de galhos de goiabeira ou araçazeiro, utilizado para a percussão dos atabaques no candomblé na nação ou cultura *Ketu-Nàgó*. Nesta Nação é possível notar três atabaques que recebem o nome de *rum*, *rumpi* e *le*.

Xapanã ou Deus da varíola – acreditou-se entre os *Yorùbá* que ele seria um dos seres do mundo inferior. Vemos a sua representação feita por uma vassoura feita a partir de ramos da palmeira bambu, despojado de suas folhas. Eles acreditam que esta divindade é responsável pela propagação de epidemias e varíola, jogam em cima da imagem milho torrado ou sementes quentes para chamar a sua vingança contra algum inimigo.

Quando há surto de pragas e ou epidemias das doenças destes Deus, cabe aos seus devotos enterrarem os mortos, que recebem dos familiares das vítimas dois tipos de contas, verde e amarelo, chamado respectivamente *Otutu* e *Opon*, uma quantidade de óleo de palma, cabeça 5 {ie, 10.000) de búzios, manteiga de *karité*, um pombo, um tatu, uma galinha, uma tartaruga, um caracol, um porco da terra, uma cabra, algumas vezes até mesmo alguns bens do cadáver que é enterrado no mato ou ao lado de um rio. [Jhonson]



Sobre o ritual da balança

O ritual é idêntico nas quatro vertentes, porem existe um pequeno detalhe, que às divindades de frente (*Bara, Ògún e Qya*) possui permissão de chegar antes da Balança.

As cores das divindades cultuadas no Jéjé do Nàgó Afrosul.

Bara (vermelho) *Bara Lóde* (preto e vermelho), *Ògún* (verde e vermelho), *Qya* (branco e verde), *Sàngó* (vermelho e branco), *Qde* (azul marinho e branco), *Otin* (marrom e branco), *Oba* (laranja ou marrom), *Òsanyin* (verde e amarelo ou verde e branco), *Xapanã* (preto e vermelho ou preto e rosa), *Ìbejì* (colorido), *Òsun* (amarelo ou dourado), *Yemoja* (azul claro), *Òṣàálá* (branco) e *Òrunmilà* (preto e branco).

Oferendas características do Jéjé para os Òriṣà.

Bara (milho torrado, pipoca e sete batatinhas assadas), *Ògún* (costela e farofa de *Gbaguda*), *Qya* (pipoca e rodelas de bata doce frita no azeite comum), *Sàngó* (*amalá*), *Qde* e *Otin* (bisteca frita com *Gbaguda*), *Oba* (canjica amarela cozida e refogada no *Epo-pupa* com cheiro-verde), *Òsanyin* (dois *Opete*), *Xapanã* (feijão preto cozido, amendoim torrado, milho torrado e pipoca), *Ìbejì* (doces), *Òsun* (canjica amarela cozida), *Yemoja* (canjica branca cozida e refogada com azeite doce e cheiro-verde) e *Òṣàálá* (canjica branca e o *Akasá*). [*Ogbonà* (Leonardo t'Aganjú), iniciado pelo *Bàbálórisà* Lula t'Ògún Onire em 12/10/2004, neto da *Ìyálórisà* Nair t'Sàngó Agodo, iniciado pela *Ìyálórisà* Gloria t'Cassajó filha de santo da *Ìyálórisà* Luisa t'Qde, raiz Jéjé]

ÒYÓ

A formação da raiz Òyó do Nàgó Afrosul



Emília de Oya Lájà

A família Òyó divide a sua origem com duas irmãs, *Ìyá* Emília de *Qya Lájà* e *Ìyá* Cesária de *Sàngó - Oba Leri*. Note que esta nação também divide o trono com duas divindades *Qya* e *Sango*. [informação – *Bàbálórisà* Gilson de *Oba*, Porto Alegre, iniciado em 2000, no *Ilé àṣe* *Òsun Ijemu*, pertence à raiz da fundadora *Ìyá* Emília de *Qya Lájà*, raiz Òyó]

Mais sobre Qya

Na Mitologia Yorùbá, o nome *Qya* provém do rio de mesmo nome na Nigéria, país que faz parte da Iorubalândia, atualmente chamado de rio Níger. Senhora dos ventos, raios e tempestades, seu metal é o cobre. O seu culto está associado à morte e aos ancestrais, por saber lidar com os *Eégún*, é ela que os encaminha, manifesta-se nos rituais de *Arísùn*.

Qya é muito conhecida em todas as culturas afro-brasileiras, porem o seu culto no



Cesária de Sàngó

desapareceu em *Kosó*).

O grande amor de *Sàngó* foi *Qya*, ela sempre o acompanhar em suas viagens, para *Tapa (Nupe)* sua terra natal. Com a morte do seu marido, *Qya* estava em *Ira*, se sentiu isolada numa terra de estranhos e distante da sua terra ela

Batuque difere das demais nações cultuadas no Brasil. Existindo uma divisão entre as *Qya* cultuadas dentro das quatro vertentes (*Kànbínà, Jéjé, Ijesà e Qyó*), dividindo entre algumas cultuadas dentro do *Yara-bq*⁷² e duas *Qya* (*Dirà e T'igbówà*) que ficam do lado de fora da casa, ambas destinadas à segurança do templo, ligadas aos rituais do *Arísùn*, um dos motivos de muito difícil ver filhos iniciados para estas duas divindades. Sobre o conceito que envolve *Qya*, Jhonson diz:

Heróis e heroínas divinizados sem referenciar a morte, simplesmente desapareceram. Assim, a diz:

-"*Qya wole ni ile Ira Sàngó wgle ni Kosó*".
(*Qya* desapareceu na cidade de *Ira, Sàngó*)

⁷² *Yara-bq* – Quarto sagrado ou quarto para sacrifícios para as divindades.

resolveu seguir seu marido cometendo suicídio, se transformando numa deusa, destinada ao Rio Niger, ao qual é chamado de *Odò Qya* (Rio de *Qya*). Uma das características desta divindade são os raios e tempestades, isso porque aprendeu a manusear o fogo com o seu marido *Sàngó*. [Jhonson]

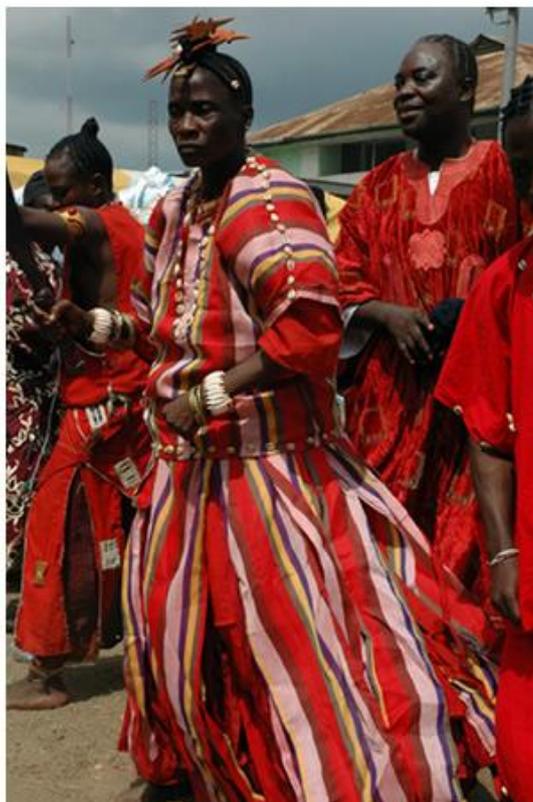
Òrìsà cultuados no Qyó do Nàgó Afrosul

Estas são as divindades cultuadas nos templos da raiz *Kànbínà*, em sequencia de *irunmòlè*;
Bara, Ògún, Qde, Qsanyin, Xapanã, Sàngó, Ìbejì, Otin, Qba, Qya, Qsun, Yemoja, Òsàálá e Qrunmilà.

Acrescentando nesta ordem algumas divindades cultuadas do lado de fora do templo, como *Ojúbq* do templo, que são;
Bara Òde, Ògún Avagã e Qya T'igbówà.

Note - Que a raiz *Qyó*, frisa com clareza que não cultua o *Bara Lóde*, no lugar dele, eles cultuam o *Bara Òde*. [informação - *Bàbálórìsà* Gilson de *Qba*, Porto Alegre, iniciado em 2000, no *Ilé àṣe Qsun Ijemu*, pertence à raiz da fundadora *Ìyá Emília de Qya Lájà*, raiz *Qyó*]

Porem a tradução para *Òde* é justamente "o lado de fora" e ou "corredor lateral", observando atentamente o nome do *Bara Lóde*, que por sua vez é o *Bara* da rua que pode ser *Qlódé* (senhor da rua) ou apenas *Lóde* (*Bara* da rua), é possível observar que estamos falando do mesmo *Bara* apesar de abreviarem o nome. Podendo ou não haver alguma diferença na hora de fazer esta divindade, porem pode estar falando da mesma divindade.



Elégún de Oya

As cores das divindades cultuadas no Òyó do Nàgó Afrosul.

Bara (vermelho), *Ògún* (azul marinho ou verde e vermelho), *Qde* (azul marinho e branco), *Òsanyin* (verde e amarelo ou verde e branco), *Xapanã* (preto e vermelho), *Sàngó* (vermelho e branco), *Ìbejì* (colorido), *Otin* (lilás e azul claro), *Qba* (rosa), *Oya* (marrom), *Òsun* (amarelo ou dourado), *Yemoja* (azul claro), *Òòsàálá* (branco) e *Òrunmilà* (preto e branco).

Oferendas características do Òyó para os Òrisà.

Bara (milho torrado, pipoca e sete batatinhas assadas), *Ògún* (costela e farofa de *Gbaguda*), *Oya* (pipoca e rodela de bata doce frita no azeite comum), *Sàngó* (*amalá*), *Qde* e *Otin* (bisteca frita com *Gbaguda*), *Oba* (canjica amarela cozida e refogada no *Epopupa* com cheiro-verde), *Òsanyin* (linguiça frita no azeite comum com *Gbaguda*), *Xapanã* (feijão preto cozido, amendoim torrado, milho torrado e pipoca), *Ìbejì* (doces), *Òsun* (canjica amarela cozida), *Yemoja* (canjica branca cozida refogada no mel) e *Òòsàálá* (canjica branca e o *Akasá*).

Sequencia das iniciações

Oribíbo – Idêntico ao ritual das três raízes .

Ìborí – Quase igual ao ritual das três raízes, apenas no *Ìborí* é feito *Curas*⁷³ e marcação com *Pemba*⁷⁴ no corpo do iniciado, chamadas de marcar tribais. [informação –

⁷³ Cura – Incisão na pele feita com objeto cortante, geralmente navalha, este procedimento deve ser feito com a navalha do próprio iniciado, para evitar contágio de doenças transmissíveis pelo sangue.

⁷⁴ Pemba – Uma espécie de giz muito fino, feita com calcário e massa, usada em rituais tanto da Umbanda.

Bàbálórìṣà Gilson de *Oba*, Porto Alegre, iniciado em 2000, no *Ilé àṣe Òsun Ijemu*, pertence à raiz da fundadora *Ìyá Emília de Oya Lájà*, raiz *Òyó*]

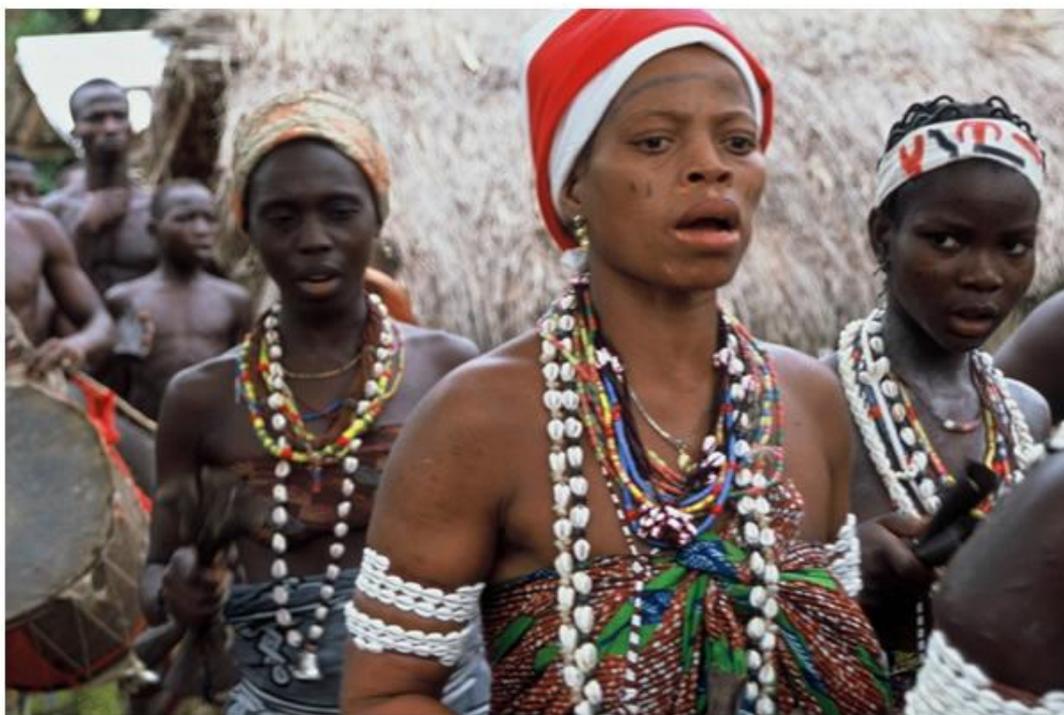
Um procedimento semelhante é feito na raspagem de um iniciado no *candomblé*, no entanto são usados três pós-naturais para confeccionar a pintura no *candomblé*.

Feitura – Idêntico ao ritual das três raízes.

Oyè ou chamado de *Apronte* - Idêntico ao ritual das três raízes.

Ritual do *Arísùn*.

Praticamente idêntico ao ritual da raiz *Ijesà*, no entanto o *Ìgbalê* é chamado de *Ilésanyin* e o mesmo fica no mato fora da casa, conceito de manter os antepassados distantes da casa, - os deixamos mais confortáveis, caso seja necessário mexer com *Eégún*, a raiz de *Òyó* se dirige no mato e faz o que precisa ser feito ali mesmo. [informação – *Bàbálórìṣà* Gilson de *Oba*, Porto Alegre, iniciado em 2000, no *Ilé àṣe Òsun Ijemu*, pertence à raiz da fundadora *Ìyá Emília de Oya Lájà*, raiz *Òyó*]



Elementos comuns: A Nação Batuque

O Templo e a sua estrutura: elementos comuns a todas as nações.

Considera-se na cultura Afrosul que um indivíduo terá condições de administrar o templo quando ele tiver os *Ìgba-Òrìṣà*⁷⁵, Búzios⁷⁶, Facas⁷⁷, Conhecimento e Reconhecimento da comunidade religiosa a qual foi iniciado, devendo seguir uma tradição e costumes pertencentes a uma vertente religiosa ou segmento religioso.

Tudo começa com a assimilação dos fundamentos de uma Nação, considerando a tradição *Yorùbá* como base, ou seja, o *Nàgó*⁷⁸ como referencia o nome ao qual os Yorùbá são conhecidos no Brasil, assim como [...] *Oranian* tornou-se rei de *Oyó* e soberano da nação iorubá é, de toda a terra. (Orixás - Verger pág 63) [...], demonstrando a amplitude na formação de uma Nação e suas características, neste caso a cultura *Nàgó* Afrosul, mais conhecida como Batuque e suas 4 raízes (*Kànbínà, Jéjé, Ijeṣà e Ọ̀yọ̀*), evidenciando acima a falta de elementos entre elas, para que possa levar a formação de possíveis Nações, apesar da similaridade entre os nomes e as Nações Africanas.

⁷⁵ *Ìgba-Òrìṣà* – *Ìgba* (vasilha ou cabaça) = vasilha ou recipiente que agrega todo o utensilio ritualístico e sagrado da divindade.

⁷⁶ Búzio – Caramujos de origem asiática, usados para a adivinhação nos rituais Afro-brasileiros, também muito comum usa-los para se comunicar com as divindades.

⁷⁷ Facas – O iniciado recebe a faca para poder cortar para as divindades.

⁷⁸ *Nàgó* – É o termo ao quais os Yorùbá são mencionados nas culturas Afro-brasileiras.



Entre todas as divindades cultuadas no templo, uma delas é considerada o centro de todo o alicerce, desta derivam todos os festejos e principais datas, todas as demais divindades estão submissas a esta e devem seguir os desejos e vontades da mesma. O que é possível notar nesta cultura e nas demais vertentes das religiões Afro-brasileiras, que todas seguem a estrutura de pequenas aldeias, as quais possuem um deus central e mais algumas divindades que são cultuadas em segundo plano, porem habitam em harmonia dentro do templo.

Esta estruturação religiosa ilustra um universo dentro de cada templo, representando um mundo espiritual, regido por uma única divindade, observando que, apesar de *Ọ̀lórún* ser o criador e a divindade mais importante da cultura, mesmo assim, o trono é ocupado pela divindade a qual o dirigente foi iniciado, ocupando uma posição tão grande quanto a do próprio criador, seguida pelas demais divindades cultuadas por aquela cultura.

O mesmo pode ser observado na pessoa do sacerdote que possui poderes para decidir o que e como deve ser feito para as divindades da casa, além de ser responsável pelos cortes, iniciações e consagrações, apenas os toques ficam a cargos do *Aṣagbè* responsável pelo ritual da sala.

Ìgba e sacrifício

O sacrifício de animais no *Nàgó* Afrosul, a imolação de animais no culto é indispensável, simplesmente porque existe toda uma ritualística e cerimonial para preparar a carne que deve ser consumida pelos adeptos, isso se dá pelo fato desta cultura não comprar carne no açougue e ou mercado para o consumo, desta forma, existe todo um preceito e ritual para que o abate seja feito, conseqüentemente o que seria dispensado como o sangue e as penas, muitas vezes são aproveitados, não desperdiçando nada, ou quase nada é desperdiçado.

Um detalhe importante é que na cultura *Nàgó* Afrosul, costumam separar as aves para os *Òrìsà* conforme as cores das penas, que devem cobrir os *Ìgba*, um procedimento que ajuda a identificar as divindades nos *Ìgba* usados, claro que não seria o único fundamento, algumas penas das asas são colocadas no *Ìgba* simbolizando que as mesmas levem as oferendas para o Deuses *Yorùbá* cultuados nesta cultura.

Òrìsà cultuados na Nação Batuque Afrosul

Estas divindades são feitas e tratadas igual nas quatro vertentes;
Bara, Ògún, Oya, Sàngó, Ode, Otin, Oba, Osanyin, Xapanã, Ìbejì, Osun, Yemoja, Oòsàálá e Ọrunmilà.

Seria interessante dizer que *Nanã* foi aglutinada entre as *Yemojá*, da mesma forma que os *Aláàfin* também foram, porem no caso de *Nanã* sendo um *Vodun (Djedje)*, esta já veio da África cultuada entre os *Yorùbá*, podendo ser notado quando *Oòsàálá* (divindade *Yorùbá*) pega o barro do *ọrun* dado por *Nanã (Vodoun)*. [Verge].



Ìgba-Òrìsà

Os *Ìgba-Òrìsà* geralmente são pequenos e suas ferramentas seque a mesma proporção, mas o que destaca no *Igba* que a maioria das divindades são feitas no *Òkúta*⁷⁹, com exceção de *Ògún, Ode, Otin, Ògún Avagã*, que são feitos no vulto, possível influência *Djedje*, porem tratados nos fundamentos *Yorùbá* (rezas e ritualística). No caso do *Légba* e da *Zina*, estas divindades são cultuadas apenas na *Kànbínà*.

Divindades no Batuque e as suas vertentes

Ọlórun

O Batuque Afrosul começa a assimilar *Ọlórun* na sua religiosidade, como o centro de toda a criação, senhor do *Ọrun*⁸⁰ e criador de todas as divindades *Yorùbá*, apesar de não possui um papel ativo na religião, ele é considerado o senhor de tudo, assim

⁷⁹ *Òkúta* – Pedra que se torna sagrada através dos rituais, representando a própria divindade, sua origem *Yorùbá*

⁸⁰ *Ọrun* – céu divino onde habitam os *Òrìsà*.

diz seu nome *Oló* (senhor) *Orun* (céu). O conceito de um Deus Único e Todo-poderoso que está acima de qualquer sacrifício religioso e ou culto, não teria como aplicar qualquer tipo de oferenda a ele, segundo afirma diáspora afro-brasileira. Provavelmente, seja, por não poder haver manifestação direta desta divindade, que *Olórun* acabou não assumindo uma posição ativa no culto, sem perder a sua importância, assumindo uma posição central e admirável como o criador de tudo e todos, porem distribuindo poder com as demais divindades. Sobre este conceito de *Olórun*, Jonhson escreve:

Os *Yorùbá* originalmente eram todos pagãos, porem existia o conceito de um Deus Todo-Poderoso, eles deram o nome de *Olórun* a este Deus e o reconhecem, como o criador do céu e da terra, no entanto em sua magnitude, ele possui afazeres maiores para se preocupar diretamente com os homens e seus assuntos, admitindo a existência de vários deuses aos quais interagem com os seres humanos. Por volta do século XVIII, o Islamismo foi introduzido como religião que atualmente muitos aderiram. [Jhonson]

O poder de *Olórun* é associado numa personalidade singular, a qual delega poderes e mantém contato com as divindades criadas por ele. No segmento *Yorùbá* da estrutura religiosa Afrosul, *Olórun* sempre será referenciado nas cantigas, saudações e ou orações, porem nunca em *Ìgba* (recipiente sagrado destinado ao culto às divindades), sendo assim, em suma a maioria das culturas aqui instaladas poderão ser consideradas politeísta, mesmo quando existe a tentativa de incorporar o conceito cristão de um único deus, mesmo assim, seria impossível caracterizar uma religião monoteísta, afinal se assim fosse às divindades não teriam autonomia e muito menos poderiam reinar absoluto num templo.

Referente aos seres humanos, eles possuem um momento ficando à frente de *Olórun*, quando irão fazer nossos votos antes de reencarnar, segundo a diáspora Afro-brasileira do segmento *Yorùbá*, que explica que os seres humanos vão buscar uma *Orí*⁸¹ na casa de *Àjàlá*⁸² e depois se veem diante de *Olórun* a fim de fazer seus votos, tendo como testemunha *Orunmilà*⁸³, sendo este o único ser divino que sabe o destino de todos os seres humanos.

Fora este momento não tem mais contato direto com *Olórun*, diferente acontece com as divindades, que estão presentes no culto e constantemente manifestam-se nos rituais e cerimônias, desta forma se relacionando e interagindo com os seres humanos: Sobre a existência das divindades, Jonhson escreve:

A existência de um Deus central assessorado por divindades criadas por ele, gerando um panteão divino, algumas delas apenas habitam o *Orun* e não são cultuados no *Àiyé*, outras são cultuadas e chamadas de *Orisà* possuindo poderes e forças que são manipuladas e evocadas muitas vezes pelos homens, além destas divindades os *Yorùbá*, acreditam na existência pós-morte, portanto é um povo que possui um peculiar culto dos mortos, e invocação de espíritos, como observado no festival *Egúngún*⁸⁴, um festival no quais indivíduos mascarados e portando roupas especiais representam parentes mortos. [Jhonson]

⁸¹ *Orí* – Considerado pelos *Yorùbá* uma cabeça abstrata, seria um destino que é modelado por *Àjàlá* no *Orun*.

⁸² *Àjàlá* – Um *Ara-Orun* (habitante do *Orun*) encarregado de modelar as *Orí*.

⁸³ *Orunmilà* – Um *Ara-Orun* (habitante do *Orun*) que conhece todos os caminhos dos *Odù*, ou seja, os signos dos pensamentos de *Olórun*, além de ser a testemunha de todos os seres humanos na hora de seus juramento perante *Olórun*, sendo ele o único, a saber, o destino de todos os seres humanos.

⁸⁴ *Egúngún* – Uma divindade *Yorùbá*, sua origem tem no culto aos ancestrais, considerando que é o próprio ancestral manifestando.



Erinle* ou *Qde

Qde é cultuado nas quatro vertentes do *Nàgó* Afrosul, apesar de ser um exímio caçador, as quatro vertentes, deve ser tratado apenas com *Epo-pupa*, considerado irmão de *Ògún*, possui as mesmas qualidade como guerreiro, porem delibera seu poder para a caça, por isso, *Qde* pode ser considerado tão bravo e forte quanto *Ògún*. Outro ponto muito comum entregarem oferendas nas forquilhas das arvores para ele. [informação – *Bàbálórisà* Gui de *Xapanã* (Porto Seguro), 45 anos de iniciado, nas mãos de Julia de *Xapanã* (Porto Alegre), filha de Neuza de *Yemonjá*, raiz *Kànbínà*]

Apesar que as quatro vertentes consideram *Qde* um menino, apesar de não haver logica nesta concepção. É costume tratar esta divindade com muito *Epo-pupa* ou *Oyin*⁸⁵, diferente da cultura do Candomblé de *Ketu* que considera o *Oyin* o maior *Ewó*⁸⁶ de *Qde*. Uma divindade que está sempre do lado de *Qde* é *Otin* filha de *Otã*, rei de *Òké* para alguns é considerada um encantado e por outros uma divindade esposa ou mulher de *Qde*. Sobre o conceito que envolve *Erinle*, Jhonson diz:

Erinle. O caçador natural de *Ajagbusi*, solitário e solteiro, vivia numa cabana situada em cima de uma grande árvore chamada *gbinghin* ao lado de um rio. Dali ele podia observar os macacos e caça-los para tirar seu sustento. Diz que ele se acidentou na correnteza do rio e se afogou. Em sua homenagem deram seu nome a um rio que fui pela cidade de *Ilobu* e desemboca no rio *Qsun*. Um vulto de um pássaro em ferro é um dos seus símbolos. Seus adoradores carregam uma corrente de ferro ou de bronze ao redor do pescoço ou no pulso.

⁸⁵ *Oyin* – Mel de abelhas.

⁸⁶ *Ewó* – Intervenção e ou proibição.



Estrutura religiosa dos templos

Cada templo possui uma divindade central, auxiliada por mais algumas divindades, esta divindade dará plenos poderes para o dirigente do templo ao qual foi iniciado, podendo ele responder pela casa e pelos rituais, orientado sempre pela divindade, cada templo é um *Òrun-Àiyé* individual com seu universo girando em torno da divindade principal daquele templo.

As quatro vertentes religiosas foram fundadas seguindo os fundamentos dos fundadores, sem considerar os costumes e ou tradições das nações as quais adotaram seus nomes, claramente visto na formação das mesmas que faltam elementos para caracterizar uma Nação, evidenciando assim uma homenagem aos fundador e diferente do caso de buscar elementos nas origens aos quais os nomes foram batizados.

Caso houvesse a clara influencia de uma das Nações citadas (*Jéjé, Ijesà, Òyó* e ou a antiga consideração de poder a *Kànbínà* ser *Bantú*), todas as demais vertentes seguiriam o mesmo caminho, afinal todas as quatro usam os mesmos elementos para seus rituais, e estrutura, não sendo possível distinguir elementos que possam caracterizar uma nova nação dentro do *Nàgó Afrosul*, desta forma, para que houvesse o crescimento de uma nova Nação dentro desta cultura, seria preciso uma independência e a criação de novos costumes, divindades, língua, conceitos e ritualísticas.

Os cargos da nação *Nàgó Afrosul* centraliza toda a força na pessoa do sacerdote e da divindade regente da casa. No havendo cargos auxiliares, apenas um padrinho ou madrinha para cada iniciado que será responsável pelo mesmo caso o sacerdote esteja ausente.

Ritual da Balança

Este ritual ocorre entre as rezas de *Sàngó*, somente aqueles que passaram por rituais de iniciação subsequentes de sacrifícios de animais de quatro patas podem participar, formando uma roda de 6, 12, 21, 24 chegando até a 32 participantes, durante a Balança, somente o *Alagbè* rege do começo ao fim, sendo que ao fechar a roda, ou seja, todos os participantes dão as mãos e permanecessem assim até o final, sob pena de caso soltem algum mal poderá submeter a casa e ou integrantes da Balança, já que antes da Balança não há manifestação de nem uma divindade, para a segurança dos membros da Balança, desta forma, fica a cargo do *Alagbè* reger o ritual e trazer as divindades chamando pelo toque e pela cantiga, e as divindades se manifestam durante a cerimonia. O ritual segue idêntico para todas as quatro vertentes da cultura Afrosul, um ritual regido por *Sàngó* que julga as feitura destas vertentes.

Durante o ritual da Balança, em si, fica a cargo do *Alagbè* trazer ao mundo os *Òrisà*, com exceção apenas de *Òṣàálá* e *Yemoja* (estas duas divindades estão ligadas à misericórdia, por isso, será muito difícil ver qualquer uma delas manifestar na balança, que representa um toque de guerra), que não respondem na balança, deixando para responder apenas em casos de extrema urgência, assim que os demais cheguem durante este ritual e logo após, as divindades vão para frente de o Tambor dançar o *Alújà* e depois o *Alambá*⁸⁷.

Segundo a diáspora *Kànbínà* Afrosul, a Balança é formada por um círculo de pessoas, assim que ficam de mãos dadas, não devem soltar até que finalize o ritual, caso solte algum malefício cairá sobre a casa e ou aqueles que estão presentes na roda. No entanto os sacerdotes das quatro vertentes não explicam a origem deste mal. O que nos faz pensar que o mais próximo seria "O mito da tradição oral do *Bàbálórisà* Luiz Carlos Dutra da *Òsún*", que conta quando *Sàngó* reuniu as divindades para expulsar o invasor (*Légbá*), conforme narrado na, que apesar de quase ter caído no esquecimento, a qual muitos poucos recordam, porém, seria sem fundamento as três vertentes que não cultuam o *Légbá* seguirem esta tradição. O que nos faz pensar quais seriam as verdadeiras funções da Balança?

Sabendo que a raiz *Jéjé* aceita que as divindades de frente possam chegar antes da balança, então não seria para trazer as divindades ao mundo. Diferente do *Ijesà*, *Òyó* e *Kànbínà*, que não aceitam que as divindades cheguem antes da Balança. Considerando que exista um julgamento, então qual seria a fonte deste julgamento, estaria todas as vertentes ligadas a um a única divindade com sub regentes em algumas raízes?

⁸⁷ Alambá – Toque de guerra da *Qya* da cultura Afrosul, a única divindade feminina que possui um toque de guerra.



O responsável por carregar para o *Òrun* os sacrifícios é o *Òrìṣà Bara*, esta divindade possui livre acesso entre o *Òrun* e o *Àiyé*, desta forma caberia unicamente ao Bara a função de levar nossas obrigações para o *Òrun*. Desta forma qual a necessidade de trazer divindades para o *Àiyé*, diante um ritual tão serio, pelos *Orin* de *Sàngó*?

O *Àsero*

Os antigos membros do *Nàgó Afrosul* consideravam que o *Àsero* era o próprio *Òrìṣà*, se portando como criança, porem meio contraditório, afinal qual a necessidade, se é possível observar que uma divindade possui poder de retirar a dor, memória e cansaço do iniciado, porque seria preciso se transformar num *Àsero*? Quando ele possui mais poder do que o *Àsero*, ou melhor, ele ainda passaria a fazer gracinhas e se com trejeitos de crianças, falando errado e fazendo algumas gracinhas, meio contraditório para uma divindade, diante de tanto poder e respeito.

Outros membros da cultura do *Nàgó Afrosul*, diziam que seria metade o *Òrìṣà*, metade o cavalo de santo, mas se fosse verdade quando ele estaria em *Àsero*, ele teria consciência da existência do *Òrìṣà* e saberia que se ocupa, já que é metade iniciado, metade *Òrìṣà*.

Desta forma, se um *Òrìṣà* não possui permissão para falar perante a comunidade, até que ele receba a "Fala", se ele fosse o próprio *Òrìṣà*, ele estaria quebrando uma ordem, afinal ele é proibido de abrir a boca, podendo apenas dar o seu *Igbe'hun*⁸⁸, nada mais além. Sendo assim ele estaria contrariando uma ordem sob a pena de grandes consequências.

⁸⁸ *Igbe'hun* - *Igbe* (grito) *ohun* (fala)



Foi então que resolvemos procurar saber dos próprios *Àsero*, quem realmente seriam eles, as respostas foram muito interessantes, a maioria dos *Àsero* quando perguntado quem eram eles diziam ser o próprio *Òrìṣà*, porém ao sabatina-los fomos descobrindo alguns fatores importantes como:

O *Àsero* de um *Òrìṣà* de XXX⁸⁹, com mais de 35 anos de feitura, um de seus filhos perguntou, quem ele realmente era, orientamos para que assim que respondesse, fosse questionado as dúvidas postadas acima, a resposta foi direta e muito clara.

Àsero de XXX - Diga ao boneco⁹⁰, que eu sou eu e o XXX é XXX. - respondeu.

Ao comentar com seu filho, sobre os *Àsero*, ele comentou que o mesmo sempre reclamava para o XXX, para não deixar as entidades darem passagem, isso quando estavam pedindo uma sessão de Umbanda no templo. Observe que o *Àsero* pedia para XXX, para que uma entidade não desse passagem, desta forma se o *Àsero* é o *Òrìṣà*, porque ele precisaria pedir para o *Òrìṣà* para não deixar uma entidade da Umbanda passar?

Àsero de YYY - Eu sou eu e o *Òrìṣà* é o *Òrìṣà*, e eu sou ele - respondeu.

Estes dois depoimentos foram os relatos dos próprios *Àsero* da religião.

E finalmente observando que assim que a divindades vai embora, deixa o *Àsero*, e quando o *Àsero* deseja ir embora o *Òrìṣà* volta e dá o seu *Igbe'hun*. Isso fez com que

⁸⁹ *Àsero* de um *Òrìṣà* de XXX - Iremos preservar alguns dados pela necessidade de manter a identidade do iniciado em segredo, seguindo as normas do tabu de não falar sobre a ocupação do iniciado.

⁹⁰ Boneco - Não foi revelada a origem da pesquisa, mesmo assim, ele sabia da minha existência.

observássemos uma duplicidade ou não seria preciso esta passagem do *Àsero* para o *Òrìṣà*, criando uma autonomia entre eles. Isso ocorre em três vertentes do *Nàgó* Afrosul, *Kànbìnà*, *Jéjé* e *Ijesà*, apenas a *Òyó* que não existe esta passagem e a manifestação do *Àsero*, ficando a cargo para as divindades fazerem as tarefas que os *Àsero* geralmente fazem quando se manifestam. [informação - *Bàbálórìṣá* Gilson de *Oba*, Porto Alegre, iniciado em 2000, no *Ilé àṣe Òsun Ijemu*, pertence à raiz da fundadora *Ìyá Emília de Oya Lájà*, raiz *Òyó*]

Àsero considerado por muito tempo uma passagem do *Òrìṣà* e a mente do médium, quebrado pelos próprios *Àsero*, que depois de muitos anos dizendo que eram o próprio *Òrìṣà*, mas como representante e não como personalidade, abrindo um novo caminho a ser estudado neste segmento.

Roda de santo ou *Siré*⁹¹

A Roda de *Òrìṣà* é um costume quando os iniciados se reúnem para comemorar durante os rituais em todas as vertentes Afro-brasileiras, a mesma segue o sentido anti-horário, isso porque o tempo das divindades não é o mesmo que nós mortais, ou seja, a realidade metafísica deles difere da nossa, já a roda inverte nos rituais fúnebres, neste caso, está lidando ao tempo dos seres humanos. Em todas as rodas de *Òrìṣà* da cultura Afrosul, são parecidas, apenas a roda *Jéjé* difere em alguns momentos, algumas casas ficam depostas um de frente ao outro dançando e ou dançam em pares.

⁹¹ *Siré* - Nome dado à roda de *Òrìṣà*, querendo dizer diversão, brincadeira, divertimento.

O Àse⁹² da fala

É uma passagem muito especial para uma divindade, depois de algum tempo após a feitura, será preparado um Àse (geralmente comidas, a maioria seria impossível de um ser humano comer) com vários elementos para que a divindade passe e prove que adquiriu o direito de poder falar, claro que esta fala não abre precedentes para sair conversando, apenas para que possam tirar um *Orin*⁹³ e ou solicitar algo, conforme a necessidade.

Orin para as divindades.

Na sequencia de *Irunmolè*, as mesmas cantigas são puxadas pelos *Alagbè*, nas quatro vertentes. Apenas no caso da *Kànbínà*, a ordem começa pelo *Légba*.

Oferendas de animais

No momento do sacrifício é importante que o sacerdote participe ativamente, esteja de posse da faca e ordenando o sacrifício, desta forma é dispensável o cargo existente de *Àsògún* das Nações *Ketu*, *Angola*, *Djédjé* e *Fon*.

Os miúdos das aves, são chamadas de inhalas, elas são retiradas da carcaça, fritas e arriadas na frente dos *Òrìsà*.

Provas e testes

⁹² Àse - Força ou Benção, comumente usada na cultura afro-brasileira para expressar um dom recebido.

⁹³ *Orin* - Cantigas entoadas durante os rituais



Por muitos anos houve provas nos salões, àqueles iniciados que entravam no transe, quando ocupado pela divindade, passavam por testes aos qual um iniciado acordado não passaria. Já nas provas era comum ver as próprias divindades se oferecendo para o teste.

O tabú de não comentar sobre o transe da divindade, chamado de Ocupação⁹⁴

Provavelmente este tabu, foi o que manteve esta cultura protegida da modernidade, fazendo com que preservasse as divindades envoltas do mistério e da magia da cultura, evitando assim fotos de mau gosto revelando segredos e costumes desta cultura.

Durante o transe a divindade deve retirar da memória tudo o que aconteceu, chamado da ocupação, desta forma é evita-se comentar que aquele iniciado passou por um transe, desta forma acredita-se que a divindade poderá levar o cansaço, criando um lapso de tempo apagando da mente tudo o que aconteceu. Desta forma cria certa dificuldade de estudar a fundo a ocupação no *Nàgó Afrosul*, diferente do Candomblé que todos sabem que as divindades se manifestam alguns até participam conscientemente de tudo.

Iniciações

Sequência das iniciações são idênticas nas quatro vertentes, mudando pouquíssimos

⁹⁴ Ocupação – Diferente do tradicional Candomblé a ocupação chega a tomar a consciência do iniciado, a maioria dos que passam por este transe não sabem da existência do transe com a divindade. Um dos fatores que dificulta o estudo desta cultura, afinal se o indivíduo não sabe que se ocupa como é possível questionar sobre a ocupação?

elementos no procedimento de cada uma delas, desta forma não existe uma formação de nova tradição para destaque.

Oyè ou cargos na cultura Afrosul



O iniciado recebe seu *Oyè* com sete ou mais anos, vai depende muito da aplicação daquele indivíduo e da sua familiarização com os rituais e iniciações. Independente do *Oyè* deste indivíduo, ele poderá ser o *Bàbá-Kèkèrè*⁹⁵ ou *Ìyá-Kèkèrè*⁹⁶ de quantos afilhados for convidado a apadrinhar, reza a tradição da cultura Afrosul que o *Àsè* está na mão de quem corta, passando assim diretamente o *Àsè* para o iniciado, o mesmo ocorre com o *Bàbá-Kèkèrè* ou *Ìyá-Kèkèrè* do iniciado, que ao segurar as aves será responsável pelo *Àsè* que está sendo passado, já o iniciado tem o direito de escolhe um *Bàbá-Kèkèrè* ou *Ìyá-Kèkèrè* para apadrinhar e ser o responsável de criar e ajudar toda vez que o sacerdote não estiver presente, por isso o cargo de *Bàbá-Kèkèrè* ou *Ìyá-Kèkèrè* é dado à pessoas de muita confiança.

Os demais cargos conhecido na restante da cultura Afro-

⁹⁵ *Bàbá-Kèkèrè* – A tradução correta seria tio, ou o segundo pai, porem pode ser usado como padrinho ou muito conhecido como pai pequeno.

⁹⁶ *Ìyá-Kèkèrè* – A tradução correta seria tia, ou a segunda mãe, porem pode ser usado como madrinha ou muito conhecido como mãe pequena.

brasileira não são reconhecidos, justamente por não ter fundamento ou necessidade nos rituais do Nàgó Afrosul.

E o cargo de *Bàbálòrìsà*⁹⁷ ou *Iyálòrìsà*⁹⁸, são os principais em todos os segmentos, diferente dos cargos de *Bàbáláwo*⁹⁹ ou *Qluwo*¹⁰⁰ não existem na cultura Nàgó Afrosul, pois pertence à cultura de *Ifá* e ou Candomblé, por isso, não havendo vínculos com o sistema de *Ifá* não existe estes cargos.

Note que na cultura do Nàgó Afrosul, não existe a necessidade do transe, como acontece no Candomblé, onde o iniciado para se tornar um *Bàbálòrìsà* deveria entrar no transe do seu *Òrìsà*. Diferente do Candomblé tradicional o Nàgó Afrosul, não exige que o iniciado entre em transe.

Egbome ou Prontos

São todos aqueles mais velhos que foram iniciados de quatro pés e possuem alguma função dentro da casa, mesmo que não tenha iniciado algum indivíduo ainda para ser considerado um sacerdote.

Rituais de Sala

Mesa de *Ìbejì*

⁹⁷ *Bàbálòrìsà* – Pai de *Òrìsà*, este pode entrar em transe ou não depende da vontade da divindade ao qual foi iniciado desejar manifestar em transe ou não.

⁹⁸ *Iyálòrìsà* – Mãe de *Òrìsà*, idem ao *Bàbálòrìsà*.

⁹⁹ *Bàbáláwo* – Pai adivinho, não rodante, ou seja, não entra em transe, iniciado na cultura de *Ifá*.

¹⁰⁰ *Qluwo* – Adivinho, não rodante, ou seja, não entra em transe, iniciado na cultura de *Ifá*.



As quatro vertentes cultuam *Ìbejì*, como filhos gêmeos de *Òsun* e *Sàngó*, estas divindades estão ligadas a prosperidade, fartura e riqueza, desta forma, são feitas as mesas de *Ìbejì* após os cortes de quatro pés na casa, considerando indispensáveis todas as vezes que cortar um quatro pés para *Òsun* ou *Sàngó*.

Roda de *Ìbejì*

As rodas de *Ìbejì* possuem a mesma função, no entanto são rituais mais simples, feitas pelas quatro vertentes do batuque, neste ritual, são os *Òrìsà* que distribuem doces e balas para os presentes, antes das rezas da *Òsun*.

Pàdé ou *Èkomi*¹⁰¹ do Lóde

O ritual para despachar o *Èkomi* é feito de regra às portas fechadas, no Nàgó'Kòbì, com poucos convidados, podendo ou não ter algumas divindades presentes na *Ilé*¹⁰², caso cheguem durante as rezas. Fora este costume, o ritual para despachar o *Èkomi* acontecerá num dia de festa grande, após a reza do *Xapanã*. Este ritual é ministrado com divindades em terra e todas auxiliam, podendo ter ajuda de alguns membros da casa que tenham seu *Oyè*.

¹⁰¹ *Èkomi* – Preparado de segurança da casa, para afastar os males, idêntico Pàdé de *Èsù*, o que difere é a preparação que é a base de *Omi* (água), *Epo Pupa* (azeite de dendê) e *Gbaguda* (farinha de mandioca crua), misturados numa vasilha de barro.

¹⁰² *Ilé* – Casa ou templo

Ritual do Arísùn.

O ritual Fúnebre é chamado de *Arísùn*. Uma vez por ano é feito uma festa para os entes falecidos, chamado de Missa dos *Eégún*, que apesar de alguns possuírem o conceito de que o *Ìgbalè*¹⁰³ é habitado pelos *Òrìṣà* e não pelos antepassados da religião, a função do *Ìgbalè* é de venerar e honrar apenas os antepassados. Nos fundos dos templos possui uma laje quadrada onde ocorrem os sacrifícios para os antepassados.

Principais oferendas do Arísùn.

Arroz com Galinha, a tradicional galinhada gaúcha.
Arroz refogado com couve.
Arroz refogado com linguiça.
Arroz doce.
Uma bacia com vários legumes.
Comida em geral.

¹⁰³ *Ìgbalè* – Local sagrado na cultura Afrosul destinado ao culto dos antepassados.



Sistema de oráculo Afrosul

O sistema de oráculo Afrosul é preparado no ritual dedicado à divindade *Ọrunmilà*, no entanto seu sistema não segue os signos de *Odù*, sistema de *Ifá* ou o sistema do tradicional Candomblé, o oráculo Afrosul foi adaptado para a realidade Brasileira, feita pelos africanos que aportaram no Brasil, que diante de uma realidade e um culto voltado para o *Ọriṣà*, adaptaram o sistema de oráculo Afrosul para que envolvesse apenas as divindades cultuadas por este povo.

O sistema gira em torno do *Ìhà*¹⁰⁴ dos búzios, baseado em um *Ilekè'fa*¹⁰⁵, chamado de Imperial, contendo várias cores para várias divindades que serve como base para o sistema.

Sequência do fio da Imperial

A maioria das imperiais é idêntica, apenas a vertente de *Ọyó* que segue diferente, esta poderá ter a seguinte sequencia;

As raízes de *Kànbínà*, *Jéjé* e *Ijesà*

Bara (vermelho), *Ọgún* (verde e vermelho), *Qya* (branco e verme), *Sàngó* (vermelho e branco), *Qde* (azul marinho e branco), *Otin* (rosa e azul claro), *Oba* (rosa ou marrom), *Ọsanyin* (verde e amarelo ou verde e branco), *Xapanã* (preto e vermelho, lilás e branco ou preto e roxo), *Ìbejì* (colorido), *Ọsun* (amarelo ou dourado), *Yemoja* (azul claro), *Ọ̀̀sàáá* (branco) e *Ọrunmilà* (preto e branco).

¹⁰⁴ *Ìhà*- Direção.

¹⁰⁵ *Ilekè'fa* - Fios de contas coloridas, feitas com missangas ou missangão.



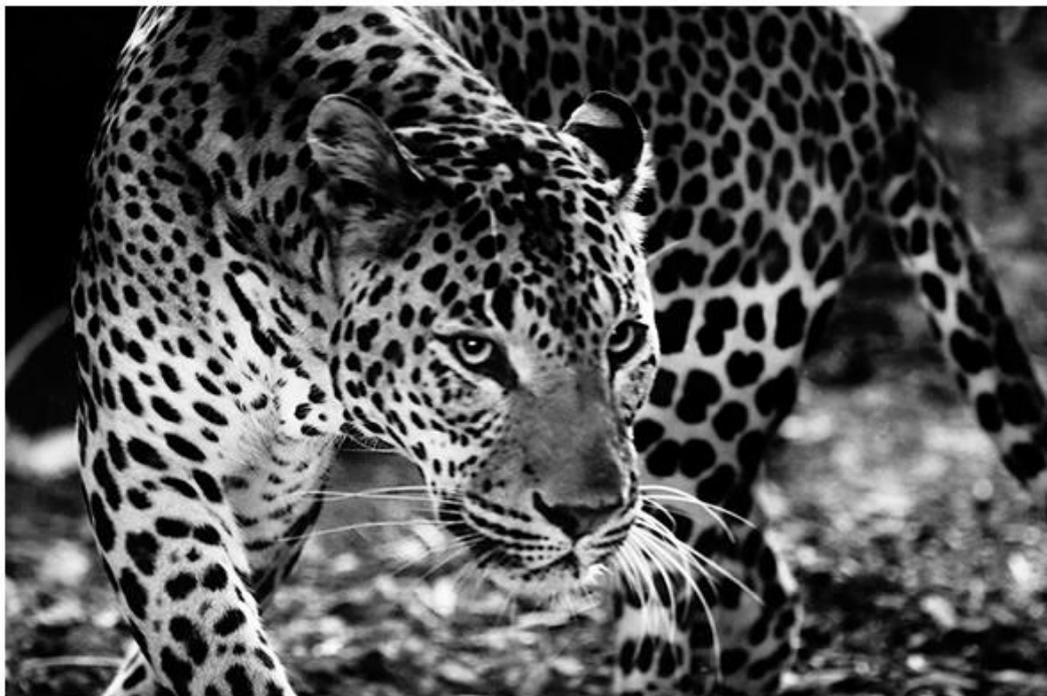
As cores da raiz de Òyó

Bara (vermelho), *Ògún* (azul marinho ou verde e vermelho), *Qde* (azul marinho e branco), *Òsanyin* (verde e amarelo ou verde e branco), *Xapanã* (preto e vermelho), *Sàngó* (vermelho e branco), *Ibeji* (colorido), *Otin* (lilás e azul claro), *Oba* (rosa), *Oya* (marrom), *Òsun* (amarelo ou dourado), *Yemoja* (azul claro), *Òòsàálá* (branco) e *Òrunmilà* (preto e branco).

Diferenças entre as raízes.

Durante todo o trabalho analisamos os pontos que formaram estas raízes, sendo possível notar que apesar de usarem a mesma língua, as mesmas divindades, os mesmos *Ìtàn*, *Orin* e rituais, alguns costumes fizeram com que formassem alguns segmentos dentro da Nação Batuque Afrosul, criando novas raízes, como podemos observar no caso da *Kànbínà* que segue um ritual voltado para *Òrìṣà*, porém com fortes fundamentos com *Eégún*, além de algumas divindades vodun cultuadas no segmento *Òrìṣà*. Ou até mesmo a raiz de *Òyó* que muda as cores das divindades cultuadas, mas segue os mesmos rituais encontrados nas quatro vertentes. Para o povo *Jéjé* o ritmo marca a diferença, os mesmos frisam que seus ritmos são mais frenéticos e a cadência mais acelerada. Quanto a *Ijesà*, apesar do nome ser uma referencia de um toque tradicional, esta raiz não trouxe para o seu ritual o ritmo *Ijesà*.

Desta forma possuímos uma Nação chamada de Batuque Afrosul, com quatro famílias que resolveram criar novas ramificações dentro do mesmo para distinguir seus descendentes.



Conclusão

O Batuque é uma Nação, reconhecida pelos seus costumes, tradição e cultura, dentro desta estrutura encontramos quatro vertentes que receberam os nomes em homenagem as Nações africanas, porém não conseguem reunir elementos suficientes para gerar uma nova nação dentro da própria Nação Batuque. Para que fosse possível criar uma nova nação, cada uma delas deveriam quebrar tradições e vínculos com as antigas raízes, criando assim novos costumes e ou cerimônias que pudessem distinguir uma nova comunidade e uma nova geração religiosa. O que podemos notar que os fundadores possuindo conhecimento cultural das divindades cultuadas. Sabe-se que até pouco tempo, muito pouco sabiam sobre algumas divindades cultuadas na própria nação Nàgó Afrosul, como *Óbokún*, *Légba*, *Zina* entre outras que são cultuadas apenas na Nação do Batuque Afrosul, desta forma, foi necessários apresentar algumas linhas que falassem sobre as principais divindades cultuadas no próprio Batuque Afrosul, demonstrando a existência de quatro raízes, que é possível notarem a existência de uma Nação e quatro vertentes.

A Nação Batuque Afrosul é fundamentada na cultura Yorùbá com pouca influência *Djedje*, vivenciando uma adaptação para a realidade Brasileira, criada para que as divindades fossem cultuadas em território distante da sua origem. Exemplo disso nós poderemos ver no sistema do oráculo Afrosul, na forma de tratar e cultuar as divindades, até mesmo no comportamento das próprias divindades.

Com o surgimento das quatro vertentes com nomes de Nações Africanas e ou como no caso da *Kànbínà* que mais sugere um *Oríki* ao *Aláàfin* e não um vínculo com a Nação *Bantú*, foi preciso criar paralelos e linhagem para que demonstrasse que seus rituais pertencem à cultura Yorùbá, não sendo possível que existe um vínculo com a Nação

Banto. Caso fosse criado algum vínculo da *Kànbínà* com a Nação *Bantú*, esta sufocaria as demais raízes, fazendo com que as mesmas se tornassem um ritual *Bantú*, não *Yorùbá*, mas como isso seria possível? Simplesmente que por falta de elementos que pudessem gerar novas nações, faz com que todas estejam fortemente interligadas, ou seja, as quatro vertentes são baseadas numa cultura, não existe elementos que as façam desprender desta cultura, sendo assim se a raiz *Kànbínà* puxasse para a cultura *Bantú*, todas as demais vertentes também refletiriam a cultura *Bantú*, assim suscetivelmente com a raiz *Jéjé* que se fosse seguir a cultura *Fon*, todas as demais vertentes seriam *Fon*.

E finalmente para que todos possam entender que o Batuque Afrosul é uma Nação seguida de quatro vertentes que distinguem por raiz *Kànbínà*, raiz *Jéjé*, raiz *Ijesà* e raiz *Óyó*.

Bibliografia

- Erick Wolff8 - Editor – diretor Revista Olorun.com.br
Iniciado em 1982, na Nação *Nágó'Kòbì*.
Residente em São Paulo.

- *Ifabimi*, editor do Blog Papo Informal, voltado à tradição cultural religiosa Afro-brasileira do Candomblé da Nação *Djédjé*, e, em especial do segmento Mahi no Brasil. Mais sobre *Ifabimi*; residente no Rio de Janeiro, Brazil, há 36 anos a serviço de *Ifá* e há 30 do *vòdún*. Para contato acesse o e-mail: ifabimi@yahoo.com
<http://papoinformal.papoinformal.blogspot.com/2010/03/legba-o-chefe.html>